

---

## **Fake news, desinformação e saúde pública: estudo sobre a abordagem do tema ‘vacina’ na agência de checagem Lupa**

Jhonatan Dias Gonzaga<sup>1</sup>  
Adriana Omena Cristina dos Santos<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **Resumo**

O artigo apresenta resultados da iniciação científica acerca da abordagem do tema vacina pela agência de checagem Lupa. A proposta foi estudar de que modo a agência utilizou o jornalismo científico e a ciência para desvendar boatos em 2018. Trata-se de pesquisa descritiva e documental, que realizou revisão bibliográfica e levantamento documental, por meio da Análise de Conteúdo, cujos resultados são apresentados e discutidos no artigo. Foi verificado na pesquisa que o *fact checking* é uma forma expressiva de tratamento da desinformação científica, mas, devido às eleições em 2018, o tema saúde foi pouco abordado, em detrimento das notícias falsas sobre política. A agência Lupa utiliza diversas fontes documentais para a realização da checagem, bem como aproveitamento de recursos de plataformas digitais. Foram encontradas 4 reportagens específicas sobre o tema vacina. Contudo, a checagem de informações apenas não é suficiente para coibir a desinformação científica.

**Palavras-chave:** Jornalismo Científico; fact-checking; fake news; saúde; Lupa.

### **Das fake news à desinformação no jornalismo científico**

A era digital permite que cada usuário da internet crie conteúdos, mas também possibilita a falsificação das informações de modo abrangente. Ferreira propõe dois motivos fundamentais para a desinformação na internet: a queda da credibilidade da imprensa tradicional e o surgimento de novas plataformas de produção e distribuição que contribuíram para um maior estado de relativização da verdade (FERREIRA, 2018, p.2). A hipótese de que as novas mídias contribuem para a desinformação online também é bastante utilizada, visto que elas aparecem como espaços potenciais de democratização da comunicação e diminuição do poder de influência dos meios de massa, mas também “é fato que o ciberespaço não garante a qualidade da informação, bem como não impede a propagação de boatos e mentiras” (MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p.46). Diante disso, o fenômeno da desinformação na internet desperta interesse acadêmico, pois este termo é

---

<sup>1</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões Educomunicação, e-mail: [jhondg1@hotmail.com](mailto:jhondg1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho, professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [adriana.omena@ufu.br](mailto:adriana.omena@ufu.br). Trabalho orientado na pesquisa desenvolvida junto ao Edital PPP da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais – Fapemig.

um objeto de estudo atualmente, com diversos trabalhos, metodologias e referenciais teóricos de diferentes áreas do conhecimento, assim como na Ciência da Comunicação. Além disso, é necessário destacar a diferença entre um boato e uma notícia falsa. Os autores Muller e Souza explicam que

*fake news* são tipicamente falsas e, por causa disso podem gerar danos epistemológicos, morais, econômicos, políticos, etc. As consequências de uma decisão baseada em desinformação podem ser desastrosas. [...] Por outro lado, os boatos podem ser tanto verdadeiros quanto falsos. Os boatos mais famosos são os falsos, por causa dos danos que podem causar, mas eles também podem ser verdadeiros e úteis em sociedades onde há repressão, censura e falta de liberdade de expressão. Enquanto boatos podem ser verdadeiros, *fake news* são sempre falsas. (MULLER, SOUZA2018, p.6)

Outra diferença fundamental entre boato e a *fake news* é a intenção discursiva. A notícia falsa é arquitetada para enganar as pessoas, causar estragos, enquanto o boato pode partir da ignorância e desconhecimento de quem compartilha:

Um terceiro aspecto a considerar é se a sua disseminação é planejada ou acidental. As *fake news* são disseminadas como consequência de um ato deliberado. A sua propagação é sempre planejada e visa a alcançar objetivos específicos. Essa característica distingue a notícia falsa, propagada acidentalmente ou defectivamente por uma fonte jornalística confiável, de uma *fake news*. Por outro lado, os boatos podem ou não ser deliberados. Há várias motivações para difundir boatos, tanto verdadeiros quanto falsos. (MÜLLER, 2018, p.7)

A forma de disseminação também caracteriza a notícia falsa e o boato. As *fake news* são um fenômeno da internet, mas especificamente das mídias sociais, que têm um modo sistêmico de disseminação, com um poder de alcance muito grande. De outra forma, é típico dos boatos serem transmitidos oralmente (MÜLLER, 2018, p.7). Como dito anteriormente, as tentativas de conceituar o termo fake News e separá-lo de boatos e lendas é ainda difícil, pois segundo um texto online do autor Zuckerman (2017, citado por FERREIRA, 2018) *Fake News* é um termo vago e ambíguo que abrange “tudo do equilíbrio falso (notícias reais que não merecem nossa atenção), propaganda (discurso armado projetado para apoiar um partido sobre outro) e desinformação (informação projetada para semear dúvidas e aumentar a desconfiança nas instituições)”. Além disso, A expressão tem sido utilizada como forma de ataques a jornais, jornalistas e outros veículos de informação, desvinculando seu sentido original.

---

Outros autores também discutem o papel do jornalismo e a credibilidade do campo como fatores correlacionados ao surgimento da poluição informacional na rede. Roxo e Melo defendem a hipótese de que o fenômeno das *fake News* é causado pelo crescimento da autonomia do campo jornalístico em relação a outros setores de produção cultural. Os autores argumentam que um ponto central para o estudo de *fake News* seria o das estratégias de reafirmação da autoridade jornalística, que para eles significa o fruto da utilização de códigos de conhecimento coletivo, ou seja, a particularidade do texto noticioso está intimamente conectada com a afirmação da legitimidade do jornalismo, como uma forma narrativa que segue determinados padrões e convenções. (ROXO, MELO; 2018).

Similarmente, alguns autores afirmam que não é possível instaurar o conceito máximo de verdade em notícias, visto que, como dito anteriormente, é comum que jornais errem alguma informação, e isso não seria considerado '*fake news*', mesmo que alguns jornalistas costumam apoiar-se na presunção de que expressam a verdade do cotidiano (SODRÉ, PAIVA, 2011, p. 23-24). Para os autores, o jornalismo não expressa uma demonstração lógico-filosófica de verdade, mas sim um pacto de credibilidade por meio de uma sedução retórica, pois “a notícia não se estrutura em função dos conteúdos lógicos de um relato, mas por mecanismos receptivo-cognitivos do público leitor”. Também é importante destacar que, para o pensamento de Sodré e Paiva (2011), a razão máxima para a credibilidade jornalística não consiste pela lógica do enunciado, e sim de uma hegemonia de enunciação. Paralelamente, Muller (2018) afirma que uma característica fundamental da notícia falsa é justamente a emulação de padrões estilísticos e de escrita clássicos da prática jornalística:

A segunda condição é que as *fake news* se apresentam com a aparência de notícia (Gelfert, 2018). Elas podem se apresentar como uma imitação da notícia genuína ou como uma notícia sensacionalista, a fim de despertar a curiosidade do público a ponto de receber um clique ou ser, inclusive, compartilhada. [...] formas pelas quais as *fake news* circulam na mídia social, são elas: a sátira, a paródia, a notícia fabricada, a notícia manipulada, a propaganda e a publicidade. Em qualquer caso, as *fake news* se apresentam como uma notícia com força para despertar a curiosidade das pessoas. (MÜLLER, 2018, s.p.)

Ou seja, as notícias falsas possuem esse caráter similar ao texto jornalístico justamente para “se apropriar do código social que legitima o trabalho jornalístico [...] e

essa estratégia só há condições de emergir pelo enfraquecimento do pacto de credibilidade” (ROXO, MELO, 2018, p. 14). Por fim, os autores explicam que o estudo da desinformação e fake news não pode ser separado da discussão da autoridade e credibilidade jornalística, assim como as dificuldades do campo de trabalho, e não consistir em mera separação do que é certo ou errado. A discussão sobre a conceituação do que é fake News é vasta, com diversos autores e linhas de pensamento.

As características dos boatos e *fake news* envolvendo a saúde são bastante únicas e devem ter políticas públicas de enfrentamento mais específicas. Henriques apresenta algumas causas para a proliferação da desinformação na saúde. Segundo ele, isso acontece porque a maior parte da população tem pouco conhecimento sobre a área e pela ansiedade que causam as notícias sobre doenças e epidemias. A desinformação é ainda mais forte quando o assunto é doença grave e ameaçadora. (HENRIQUES, 2018, p.2). No contexto das vacinas a falta de informação coloca em risco diversas campanhas de vacinação. Uma pesquisa realizada em Centros de Saúde do Rio de Janeiro esclarece alguns pontos sobre a desinformação neste quesito. O objetivo da pesquisa foi o de verificar o entendimento do que é *fake news* pelos profissionais de saúde e também dos usuários, por meio de entrevistas. Ficou constatado que as principais razões para a recusa da vacina são: Nas mulheres, a ideia de que as vacinas contra o tétano provocaria a microcefalia nas crianças; nos idosos, a teoria de que a vacina é uma arma do governo para matá-los para que o Estado não tenha mais gastos; e, similarmente a esta, que a vacina seria um instrumento biológico para a contensão populacional (RIBEIRO, 2018, p.11).

A Revista Pesquisa FAPESP elaborou uma reportagem sobre as razões da queda da vacinação. Os especialistas na área da saúde e imunização ressaltaram alguns motivos prováveis para a diminuição da vacinação no país: 1) percepção enganosa dos pais de que não é mais necessário vacinar os filhos pelo fato das doenças terem desaparecido; 2) desconhecimento do calendário de vacinação oficial; 3) medo de que as vacinas causem reações prejudiciais ao organismo; 4) o receio de que o grande número de imunizantes sobrecarreguem o organismo da criança; 5) falta de tempo para ir ao posto de saúde e 6) aconselhamento de outras pessoas, inclusive, profissionais da área da saúde, para não tomarem as vacinas. (PESQUISA FAPESP, 2018, p.22 citado por SANCHES; CAVALCANTI, 2018, p.22). Fica explícito que alguns motivos acima citados são de

---

ordem informacional\comunicacional. Também é necessário citar que muitos grupos contra a vacinação utilizam de argumentos filosóficos\religiosos para argumentar e questionar a validade das vacinas.

As consequências para a desinformação sobre a vacina são preocupantes. Henriques afirma que a disseminação de mentiras sobre o imunizante dificulta a melhoria das coberturas vacinais, visto que “[...] informações equivocadas podem levar a diversos comportamentos geradores de risco, seja pela indução ao uso de medicamentos e vacinas sem indicação, ou, no outro extremo, pela recusa a tecnologias e medidas de proteção necessárias ou ainda pela desorganização que provocam nos serviços de saúde.” (HENRIQUES, 2018, p.10). Esta relação entre desinformação, vacinação e os impactos para a saúde também é histórica. Um clássico exemplo de consequências nefastas deste fenômeno é a fraude de informações científicas pelo pesquisador britânico Andrews Wakefield publicou um artigo em uma renomada revista científica em que fazia a relação entre a vacina contra rubéola, sarampo e caxumba e o desenvolvimento do autismo. Após anos de investigação, a perícia constatou fraude no artigo publicado a fim de atender interesses econômicos de tratamentos alternativos. Contudo, esta desinformação foi suficiente para enfraquecer diversas campanhas de saúde na Inglaterra, ocorrência de surtos de sarampo, internações e até mortes.

A realidade brasileira tem diversos episódios que demonstram as consequências da desinformação na saúde. Um dos casos mais emblemáticos envolve a Febre Amarela.

As informações sobre a febre amarela já foram objeto de manipulação no passado recente, com consequências desastrosas. A falsa notícia de que havia uma importante epidemia de febre amarela provocou uma corrida em busca da vacina no estado de São Paulo, em 2008, quando na capital do estado foi multiplicado por cinco o número de doses aplicadas, em comparação ao ano anterior. Naquele episódio, quatro pessoas morreram por efeitos adversos graves da vacina. (HENRIQUES, 2018, p. 11)

A morte de macacos devido aos boatos no Whatsapp também foram marcantes para a discussão:

A associação entre a morte de macacos e a ocorrência da doença tem levado, em muitas ocasiões, à crença de que eles disseminam a febre amarela, resultando inclusive em agressões a esses animais. Assim, é importante lembrar sempre, que os macacos não transmitem a doença, mas sim os mosquitos. O lugar dos macacos no ciclo da febre amarela é equivalente ao dos humanos. Mais do que isso, quando estão presentes os macacos, a vigilância de doenças e mortes entre eles é um dos mecanismos mais importantes para a detecção precoce da circulação do

---

vírus em uma localidade, permitindo a resposta rápida para evitar casos humanos. (HENRIQUES, 2018, p. 11).

Igor Sacramento também discute outro caso de desinformação sobre saúde que despertou alerta nas instituições. Para o autor, “Os boatos fazem parte da história da imunização no Brasil [...] Se fizermos uma rápida digressão, podemos observar em nossa história recente alguns casos: o ‘pânico moral’ em torno da vacinação de meninas entre 11 e 13 anos contra o HPV em 2014 e a rejeição à vacina contra a influenza H1N1 em 2010.” (SACRAMENTO, 2018, p. 6). Ou seja, exemplos dos impactos das fake news na vacinação são inúmeros. Por este motivo, é necessário analisar o que as instituições brasileiras e o governo têm feito para coibir a desinformação no campo da saúde. Primeiramente, é pertinente citar a iniciativa do Ministério da Saúde na criação de um site de *fact checking* específico para a saúde no ano de 2018<sup>3</sup>. Os boatos e fake news verificados são enviados pela população por meio de um número no Whatsapp, dessa forma a população pode se sentir amparada pelo Ministério na retirada de dúvidas recorrentes na área da saúde. Além disso, as páginas do facebook, instagram e twitter do Ministério regularmente publicam postagens desmentindo desinformações. A utilização das redes sociais para esse fim pode ser muito positiva, visto que muitas pessoas utilizam a internet pelo celular, e com o pacote de dados que apenas permite a utilização de redes sociais e Whatsapp.

Uma grande novidade no caso da baixa adesão à vacina de febre amarela é o WhatsApp. Este é um espaço de circulação e compartilhamento de informações que se dá sobretudo em grupos, ou seja, num circuito fechado de confiança e segurança (família, amigos, colégio, faculdade, trabalho). As pessoas têm preferido acreditar em quem conhecem do que nas instituições. Este é um enorme desafio para a saúde, que deveria abandonar o paradigma acusatório da “falta” – é falta de informação, de conhecimento, de letramento midiático – e partir para a compreensão dos porquês, para a escuta, para o corpo a corpo. Por que as pessoas não estão se vacinando? O fato de elas confiarem mais no que leem na internet e, geralmente, confiarem em quem compartilhou a informação, com certeza, é parte dessa resposta. (SACRAMENTO, 2018, p.6)

Tal assunto exposto até o momento tem relação direta com a comunicação científica que, por sua vez, é tema de muitos debates na esfera acadêmica. Segundo Arquimedes Personi (201, a sociedade necessita de informações para melhor

---

<sup>3</sup> <http://portalms.saude.gov.br/fakenews>

compreender os programas de saúde pública, os indivíduos necessitam de informação sobre patologias ou condições que os afetam diretamente e os médicos necessitam de informação para se atualizarem profissionalmente. Dessa forma, surge o trabalho do jornalismo científico especializado em saúde, visto que “os veículos e periódicos especializados em temas de medicina não dirigem mensagens diretamente ao público. Este toma conhecimento da pesquisa médica e do noticiário da saúde, em geral, através de jornais, revistas e programas específicos de rádio e de televisão” (PESSONI, 2010, p. 297), também é necessário estabelecer relações entre a saúde pública e os fundamentos do Sistema Único de Saúde, assim como sua dimensão histórica. “Os anos 40 consolidaram o papel da educação e da comunicação na saúde e sua articulação com as políticas do setor, com a criação por Getúlio Vargas do Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES), que tinha por objetivo disseminar informações sobre as doenças e os procedimentos de prevenção.” (ARAÚJO, CARDOSO, 2007, p. 24). A definição mais sucinta do termo Jornalismo Científico é apresentada pelo autor Claudio Bertolli Filho, ao afirmar que

Tais elementos delimitam o que aqui se entende por jornalismo científico: um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado. (BERTOLLI FILHO – 2006, p. 3)

O seguimento dos padrões estilísticos de escrita e a tradução do conteúdo são fatores que diferenciam o Jornalismo Científico das outras formas de Divulgação Científica, e é uma das principais dificuldades no exercício deste gênero. A Divulgação Científica pode se dar por meio de uma revista científica, um congresso, uma exposição de iniciações científicas. Ou seja, a divulgação científica, como o próprio nome sugere, é divulgar a ciência, e isso não implica em quais públicos ou espaços ela será feita. O jornalismo científico é diferente, pois a produção do jornalista e a do cientista detêm enormes diferenças de linguagem e de finalidade (OLIVEIRA, 2007, p.43) segundo Fabíola de Oliveira: “A produção do jornalista e a do cientista detêm aparentemente enormes diferenças de linguagem e de finalidade. [...] enquanto o cientista produz trabalhos dirigidos para um grupo de leitores, específico, restrito e especializado, o jornalista almeja atingir o grande público.” A autora afirma, ainda, que a redação do texto

---

científico segue rígidos padrões de normas e classificações, termos técnicos e científicos, e é, de certa forma, árido e sem atrativos que geram interesse no maior número possível de leitores.

Constatadas as consequências da desinformação na saúde, surge a necessidade de agências de ‘*Fact Checking*’ a fim de melhorar o debate e a qualidade de informação nas redes. A checagem de informações é a regra mais básica no jornalismo. Entretanto, devido ao volume de notícias falsas, esta atividade tem se especializado e portais destinados apenas para a checagem de informações estão cada vez mais presentes no jornalismo atual. Spinelli e Santos lançaram um estudo sobre estas agências no Brasil:

A checagem de dados não é novidade no jornalismo. Mas, a partir dos anos 2000, começou a despontar uma checagem após a publicação voltada para as declarações feitas por figuras públicas - o fact-checking. Com o lançamento do site Factcheck.org, nos Estados Unidos, sob o comando de Brooks Jackson, o gênero começou a conquistar reconhecimento e audiência, tendo seu ápice quando o PolitiFact6 levou o prêmio Pulitzer em 2009 (MONNERAT, 2017). [...] Diante da disseminação de notícias falsas e o comportamento do público em relação ao que se produz, a tendência é de que os grandes veículos de comunicação, diante de suas redações cada vez mais enxutas, tenham que usar cada vez mais a mão-de-obra de agências de checagem para auxiliar nesse processo. (SPINELLI, SANTOS – 2018, p 12-13).

Acerca da temática, Borcezi (2019) afirma que o fact-checking não tem uma tradução consensual no âmbito jornalístico, pois é caracterizado como checagem de fatos, dados ou discurso. Entretanto, a atividade tem ganhado visibilidade enquanto instrumento de apuração e modelo narrativo. Para o autor, as iniciativas de fact-checking ressignificam o conteúdo das publicações das redes sociais e fortalecem a estrutura de mediação discursiva ao crivo do campo jornalístico (BORCEZI, 2019, p. 79).

Portanto, “o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias. Na era da pós-verdade, [...], o jornalismo precisa apostar na sua essência o compromisso com a qualidade e apuração dos fatos” (SPINELLI, SANTOS, 2018, p.14). Há autores que defendem a ideia de que, ao mesmo tempo em que a internet é utilizada para o espalhamento de desinformação, ela também pode ser uma poderosa ferramenta para coibir este acontecimento, visto que “o próprio caráter de pluralidade e colaboração do meio pode atuar na denúncia das informações falsas, controversas e de interesses privados camufladas de interesses privados” (MEDEIROS;

---

LÔRDELO, 2012, p.46). No caso do boato e da informação falsa, “ao mesmo tempo em que a rede ajuda o boato a atingir proporções cada vez maiores, ela também facilita para que o boato seja desmentido. ” (ZAGO, 2011, p. 34, citado por MEDEIROS, 2012, p. 44). Entretanto, esta ideia não é compartilhada por todos os pesquisadores no tema, como Muniz Sodré (2011), que afirma que a checagem não ganha a mesma força do que o boato ou fake News, visto que eles predominam pela força do imaginário, são mais “viróticos” do que a comunicação de fato.

Dada a importância da atividade de checagem de informações, a iniciação científica desenvolvida pelo autor une a comunicação em saúde e os processos de *fact checking*. Ou seja, buscou-se pesquisar se as agências de checagem informaram sobre saúde e de que modo este processo é feito. Deste modo, os objetivos da iniciação científica foram: verificar de que modo a vacina é representada no processo de checagem de boatos e *fake News*; analisar se os padrões de informação da *International Fact checking Network* são seguidos pelas agências; pesquisar as tendências desta atividade em relação à desinformação científica, e apontar contribuições do exercício do jornalismo científico destas agências na promoção da comunicação em saúde.

A proposta se justifica uma vez que falsas notícias envolvendo imunização e vacinação são irresponsavelmente difundidas nas redes sociais, e poucas pessoas têm a consciência de verificar as fontes e a confiabilidade. Isso pode ter consequências sérias e danosas para o conhecimento da sociedade acerca da ciência e dos trabalhos desenvolvidos no país. Deste modo, é necessário analisar se agências de checagem dão espaço suficiente para este assunto, e como este processo é feito. O interesse por esta temática surgiu também devido ao baixo número de estudos acadêmicos e sistemáticos sobre as agências. Os estudos encontrados, majoritariamente, analisam os impactos políticos das checagens. Assim, o foco nesta temática é justificável pois as fake News envolvendo política possuem volume grande, são muito perceptíveis (tanto pelas agências, tanto pelo público que compartilha as informações). O aspecto científico do fact checking é pouco citado nas pesquisas. Por conseguinte, a pesquisa desenvolvida tem a importância de possibilitar uma nova visão das agências de Fact Checking enquanto divulgadoras e promotoras da comunicação em ciências e saúde.

### **Procedimentos metodológicos e resultados**

O estudo é resultado de uma pesquisa descritiva, documental e exploratória. A natureza do trabalho é aplicada pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos (no caso o problema do modo como a saúde é abordada no fact checking da agência). (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.36). A ferramenta metodológica utilizada foi a Análise de Conteúdo. Definida por Bardin (1994, p. 18) como “[...] uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Esta ferramenta é bastante utilizada nos estudos de comunicação, sobretudo no jornalismo, e foi escolhida para compor este trabalho tendo em vista sua característica de categorização e quantificação que permite análise qualitativa por meio da inferência, pois, como não havia trabalhos específicos de estudos sobre a ciência no fact checking, a AC se tornou necessária para uma primeira etapa exploratória e quantitativa. A pesquisa foi feita pela análise da Agência Lupa. Esta agência foi escolhida pela popularidade, por ter conteúdo sobre vacina suficiente para análise na pesquisa, e por ser certificada pelo IFCN (*International Fact Checking Network*).

Para configurar como *fact checking* sobre saúde, foi utilizado o critério da Agência Ibero Americana de Jornalismo científico de caracterização de matérias científicas:

[...] deveria atender, pelo menos, a um dos seguintes requisitos: mencionar cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas em geral (desde que apareçam vinculados a uma instituição científica e comentassem temas relacionados com ciência) ou mencionar instituições de pesquisa e universidades; mencionar dados científicos ou resultados de investigações; mencionar política científica; tratar de divulgação científica. (RAMALHO *et al* 2013, p 12)

A amostra foi selecionada em todo o ano de 2018, ou seja, todas as matérias que dialogavam de alguma forma com a temática vacinação foram analisadas. Este tempo de amostragem foi escolhido por duas razões: como o *fact checking* sobre saúde ainda é raro é preciso de um tempo maior para ter material suficiente, além disso, com a proximidade das eleições os boatos verificados pelas agências são majoritariamente políticos, e a saúde é naturalmente pouco abordada. A coleta de dados se deu de modo manual, em consulta aos 4 sites supracitados, por meio de navegação entre a barra de últimas notícias dos sites, a fim de gerar as tabelas do corpus da pesquisa que serão apresentadas. A partir da coleta,

foram feitas as categorizações baseadas em aspectos fundamentais da prática do jornalismo científico e nos padrões de checagem do IFCN<sup>4</sup>.

Agência Lupa, que é certificada pelo IFCN, foi a primeira agência de checagem “a produzir conteúdo e revender a outros meios de comunicação. Surgida em 2015, a agência amplia a checagem de informações para a área de economia, educação, saúde, cultura e atualmente conta com 12 jornalistas”. (BORCEZI, 2018, p. 74). No total, foram encontradas 4 reportagens específicas sobre fake news em saúde pela agência Lupa.

Quadro 1 1 – Matérias sobre checagens de informação sobre vacinas na Agência Lupa

<b>Título</b>	<b>Nº</b>	<b>Checagem</b>	<b>Data</b>	<b>Link</b>
Verdadeiro ou falso: o que você sabe sobre febre amarela?	L01	Compilado de frases sobre o vírus febre amarela que foram classificadas como verdadeiras, verdadeiras mas com ressalvas e falsas.	12\01\2018	<a href="https://bit.ly/2XsWNfb">https://bit.ly/2XsWNfb</a>
Vacinação contra febre amarela é para todos? Dose fracionada funciona?	L02	Compilado de frases sobre o vírus febre amarela que foram classificadas como verdadeiras, verdadeiras mas com ressalvas e falsas.	16\01\2018	<a href="https://bit.ly/2XvftuK">https://bit.ly/2XvftuK</a>
#Verificamos: vacina contra gripe não causa ‘surto mortal’ nos EUA	L03	Checagem de uma informação falsa	15\05\2018	<a href="https://bit.ly/2T37K8P">https://bit.ly/2T37K8P</a>
#Verificamos: deixar de vacinar crianças é ilegal no Brasil	L04	Checagem de uma informação que se mostrou verdadeira	11\07\2018	<a href="https://bit.ly/2EhU2EZ">https://bit.ly/2EhU2EZ</a>

Fonte: pesquisa documental

A primeira consideração a se fazer da agência de checagem de Lupa é a diversidade de formas que a agência trabalha para desmentir as desinformações na área da saúde. Para o artigo, foram selecionadas 4 reportagens sobre a vacinação que tiveram resultados de checagem diferentes. A primeira, L01, foi feita em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e o Ministério da Saúde (importante destacar que as parcerias com instituições para a checagem são muito comuns na agência Lupa, tanto em reportagens

---

sobre saúde quanto em outros temas). Esta checagem teve como objetivo expor dúvidas gerais sobre a vacinação da Febre Amarela, e foi dividida em diversos tópicos. As fontes das frases, segundo a própria reportagem, foram dúvidas nas páginas do Facebook e outras redes sociais. Há uma contextualização sobre a importância da vacinação para prevenir a doença logo no início da reportagem:

O Ministério da Saúde anunciou nesta semana uma campanha de vacinação contra a febre amarela em São Paulo, no Rio de Janeiro e na Bahia. A decisão de intensificar a imunização se deu depois que regiões nos três estados tiveram mortes de macacos infectados por febre amarela. De junho de 2017 até 8 de janeiro deste ano, 4 mortes por febre amarela foram confirmadas no país e há 92 casos em investigação. O que você sabe sobre a doença? Em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e epidemiologistas, a Lupa checou frases encontradas em redes sociais sobre a febre amarela. (LUPA, 2018, s.p.).

Um recurso bastante utilizado pela agência Lupa, em reportagens sobre diversos temas, é o hiperlink. Esta ferramenta é essencial para o Jornalismo em plataformas digitais, visto que ela confere dinamicidade ao texto, e possibilidades para aprofundamento sobre o assunto em links externos. Nas 4 reportagens, o recurso de hiperlink direcionava os leitores a outras notas ou notícias institucionais do Ministério da Saúde, Artigos científicos que comprovavam alguma afirmação da reportagem, ou pesquisas feitas por órgãos do Governo. A agência Lupa, geralmente, trabalha bastante com fontes documentais, pesquisas, artigos etc e não tanto com fontes humanas. O autor do artigo pesquisou a incidência em temas na área da saúde em outras agências de checagem e verificou que em outros portais há consultas e entrevistas diretas a médicos, biomédicos, pesquisadores, biólogos etc. Outro aspecto a se destacar é que a agência deixa sempre bastante claro quais pessoas devem se vacinar e a qual momento, para que os serviços de saúde não fiquem sobrecarregados como já ocorreu em nosso país.

A reportagem L02 também funciona da mesma forma que a reportagem L01, desmistificando boatos em saúde a partir de dúvidas gerais de comentários de redes sociais, e citando recomendações do Ministério da Saúde:

A recomendação do Ministério da Saúde é que, de modo geral, bebês sejam vacinados apenas a partir dos nove meses. Entre seis e nove meses, aplica-se a vacina caso a criança resida em áreas onde o vírus esteja se propagando ou haja registro de mortes de macacos por febre amarela. Antes dos seis meses, não é recomendada a aplicação da vacina. (LUPA, 2018, s.p.)

Figura 1 – checagem de frases gerais em uma reportagem da agência Lupa



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/01/16/vacinacao-febre-amarela/>

A reportagem L3 faz a checagem de um boato que circulou nos Estados Unidos sobre uma vacina que causava um surto mortal. O local em que a ‘informação’ foi veiculada é um site americano bastante conhecido pelas fake news e boatos. Esta checagem mostrou a capacidade de recirculação e ressignificação da desinformação online, visto que o rumor já foi verificado diversas vezes e ainda ganhou uma versão brasileira. A reportagem L4, sobre a obrigatoriedade da vacinação de crianças, mostrou que a informação checada de que, no Brasil, é ilegal deixar de vacinar os filhos é completamente verdadeira. Nesse caso, não foram utilizadas fontes governamentais ligadas ao ministério da saúde ou Fiocruz, mas o código penal brasileiro, a constituição e o estatuto da Criança e do adolescente.

Figura 2: Manchete de uma reportagem sobre vacinação na agência Lupa



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/01/16/vacinacao-febre-amarela/>

---

## Considerações finais

A agência de checagem Lupa mostrou-se competente na cobertura de casos de fake news e boatos na área da saúde e seguindo os critérios de credibilidade do International Fact Checking Network. No geral, as reportagens sobre vacina foram bastante aprofundadas, com diferentes fontes documentais sendo utilizadas para a elucidação e verificação da checagem. Contudo, o fact checking por si só não é capaz de acabar com o fenômeno da desinformação em saúde, visto que é um serviço que se limita ao ambiente virtual, e poucas pessoas têm acesso ao site. Henriques demonstra uma possibilidade para enfrentamento desse fenômeno da modernidade, pois o fortalecimento das instituições de saúde, de ensino e pesquisa, com investimento em suas interfaces de comunicação, pode contribuir para que sejam reconhecidas como fonte de consulta para profissionais e a população (HENRIQUES, 2018, p. 12). Portanto, a sociedade civil e o Estado brasileiro devem estimular Políticas Públicas mais efetivas para a contenção da desinformação em saúde.

## Referências

- DE ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Content analysis**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. 2006. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, UNESP. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em 02/05/2019, v. 3, 2015.
- BORCEZI, Daniela; MORAIS, Carlos Willians Jaques. **Fact-checkinge a circulação da notícia**. Revista ícone, v. 17, n. 1, p.72-83, 2019.
- DE MATOS MÜLLER, Felipe; DE SOUZA, Márcio Vieira. **Fake news: um problema midiático multifacetado**. In: International Congress of Knowledge and Innovation-Ciki. 2018.
- MEDEIROS, Priscila Muniz; LÔRDELO, Tenaflae da Silva. **Novas mídias: lugar de opinião? Lugar de informação?**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 9, n. 1, p. 34-48, 2012.
- DOS SANTOS RIBEIRO, Barbara Cristina Marques; DE MELO FRANCO, Isabela; SOARES, Charlene Carvalho. **COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: as fake news no contexto da vacinação**. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação-ISSN 2237-6658, v. 1, n. 2, 2018.
- FAPESP, Revista Pesquisa. **Causas da queda na vacinação**. Agosto de 2018. Ano 19, n. 270, p. 19 a 24.
- FERREIRA, Ricardo Ribeiro. **Rede de mentiras: a propagação de fake news na pré-campanha presidencial brasileira**. Observatorio (OBS\*), v. 12, n. 5, 2018.

---

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. **A dupla epidemia: febre amarela e desinformação.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico.** Editora Contexto, 2006.

PESSONI, A. Enciclopédia INTERCOM de Comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

RAMALHO, Marina et al. **Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas.** Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 11-24, 2012.

ROXO, Marco Antonio; MELO, Seane. **Hiperjornalismo: Uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística.** Revista FAMECOS, v. 25, n. 3, p. 30572, 2018.

SACRAMENTO, Igor. **A saúde numa sociedade de verdades.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 1, 2018.

SANCHES, Samyra Haydêe Dal Farra Napolini; CAVALCANTI, Ana Elizabeth Lapa Wanderley. **Direito à Saúde na Sociedade da Informação: A Questão das Fake News e seus Impactos na Vacinação.** Revista Jurídica, v. 53, n. 4, p. 448-466, 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2–a pesquisa científica. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, p. 31-42, 2009.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **Informação e boato na rede.** SILVA, G.; KÜNSCH, D.; BERGER, C, p. 21-32, 2011.

SPINELLI, Egle Müller; DE ALMEIDA SANTOS, Jéssica. **JORNALISMO NA ERA DA PÓS-VERDADE: fact-checking como ferramenta de combate às fake news.** Revista Observatório, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ZUCKERMAN, Ethan. **Stop Saying ‘Fake News’ It’s Not Helping.** Ethanzuckerman.com. disponível em: <http://www.ethanzuckerman.com/blog/2017/01/30/stopsaying-fake-news-its-nothelping/>. Acesso em 10\03\2018